

Analfabetismo histórico e seus reflexos sociais

Rafael Oliveira Costa Domingos
Rodrigo Alves Borges de Lima

Resumo: O presente trabalho é uma revisão bibliográfica usando diferentes autores que discutem a temática da alfabetização e de seus agentes envolvidos. Tema e problemas que circulam entorno do analfabetismo durante sua construção histórica com ênfases nos indivíduos, processos sociais e políticos. Tem por objetivo provocar o leitor a pensar, e refletir a partir de posições antagônicas, mas que concordavam em melhorar a educação em especial a porta de entrada para o mundo dos livros, das letras: A alfabetização.

Palavras Chaves: Alfabetização. Massificação. Política. Sociedade. Indivíduos.

Introdução

Antes de principiar com o discurso sobre o analfabetismo histórico é lacônico compreendermos alguns conceitos que serão apresentados a seguir. O primeiro deles é a definição de alfabetização. A alfabetização ou literacia, segundo Merriam-Webster (2014) é a capacidade de compreensão da leitura e escrita e o uso da matemática básica. O significado moderno pode ser expandido para uma vasta gama de habilidades passando pela compreensão da linguagem até o uso de computadores e outros aparatos de comunicação, bem como o domínio semiótico básico do sistema cultural ao qual o indivíduo está inserido, afirma a UNESCO (1947). É importante perceber que a alfabetização é um processo de construção que cresce ao longo da vida pela experiência de leitura que leva a intermináveis conexões cognitivas e culturais transcorridas e fluentes neste processo. Isto pode ser observado por Almira Sampaio (1973), que afirmou em seu famoso livro “Método Misto de Ensino da Leitura e da Escrita e História da Abelhinha”, a alfabetização de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais.

Alfabetização é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo. O segundo é o analfabetismo ou iliteracia que devem ser dispares do analfabetismo funcional ou semianalfabetismo. Analfabetismo, também segundo a UNESCO (1958), é incapacidade de ler e escrever.



Analfabetismo funcional é a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples. Mesmo capacitadas a decodificar minimamente as letras, geralmente frases, sentenças, textos curtos e os números, não desenvolvem habilidade de interpretação de textos e de fazer operações matemáticas, segundo Ana da Cruz (2004), em sua obra O Analfabetismo Funcional.

Outra matéria crucial neste contexto é como pensar sobre a história do analfabetismo. Pode-se ir em duas direções principais e antagônicas, a internalista e a externalista. Que possuem um diálogo infrutífero e inviável, pois para a primeira, não é possível fazer história, sem considerar os fatos basilares, apenas os elementos que ocorreram naquela esquelha e obliquidade. Ao passo que para a segunda, externalista, o basilar é a explicitação do contexto social e seus reflexos na coletividade e em seus componentes, como também as relações políticas demagógicas que podem fazer do analfabetismo e o conseqüente processo de educação meios de manipulação em momentos de formação construtiva da psique e percepção da realidade que cerca o indivíduo, em momento que este não tem defesa contra a manipulação e nem o espírito crítico para questionar o que lhe é imposto.

Portanto, tanto em uma esfera como em outra, esse assunto é avaliado a partir de uma dicotomia entre a sociedade e os conteúdos da educação. Este trabalho se justifica como o elo que une e apazigua esses dois extremos, mostrando que se desviar no esforço educativo, como pedagogos, para qualquer um dos extremos o alfabetizando, inocente neste processo, será prejudicado, como a história já foi testemunha. Esta obra explorará este contexto histórico objetivando mostrar os erros e acertos de ambos prismas políticos sociais no processo que traz a luz da leitura para aqueles que estão iniciando na estrada do saber, sem é claro deixar de objetivar a verdade dos fatos.

A metodologia aqui usada é a revisão bibliográfica apoiando-se em ombros de gigantes, como Paulo Freire e Anísio Teixeira, teóricos de indiscutível valor para a educação, apesar de suas visões diametralmente opostas. Como disse Paulo Freire, ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre. É neste espírito que seguirá este trabalho, afinal temos que ter a humildade de reconhecer que a verdade absoluta existe e está lá, mas sua compreensão é limitada.



Por meio de um estudo realizado por Maria Rosário Longo Mortatti há duas décadas e concluso em 2006, em particular, a respeito do ensino da leitura e escrita na fase inicial de escolarização de crianças, ou alfabetização, estrutura-se este trabalho. Ainda segundo Mortatti, em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com "antigas" e "novas" explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública.

1 Escola e alfabetização

Segundo Mortatti (2006), em nosso país, desde o final do século XIX, notadamente com a proclamação da República, a educação ganhou evidência como uma das miragens da modernidade. A escola, por sua vez, confirmou-se como lugar fundamentalmente institucionalizado para o aparelhamento das novas gerações, com vistas a acatar aos ideais do Estado republicano, ajustado pela necessidade de estabelecimento de uma nova ordem política e social; e a universalização da escola assumiu admirável papel como órgão de modernização e avanço do Estado-Nação, como capital propulsora do “esclarecimento das massas iletradas”.

Paulo Freire um olhar sobre a perspectiva do livro “Educação como pratica de liberdade”

*“Diziam que o País jamais poderia encontrar seu caminho e a democracia jamais poderia ser uma realidade enquanto tivermos uma tão alta proporção de analfabetos”
(FREIRE, 1967, p.12)*

O analfabetismo surge como uma deficiência em massa no Brasil, tendo em vista que segundo o IBGE de 2013 diz 13,2 milhões de analfabeto, o que causa um grande atraso nas questões democráticas, bem como o analfabeto excluído de vários aspectos sócias, com formação de leis, propostas de governo e ações comuns como abertura de conta e leitura de bula de remédio. Não se pode pautar uma ação democrática onde 13,2 milhões de pessoas estão excluídas do ensino, nem ao menos sabem ler o que está escrito na bandeira do seu país tendo uma escala tão grande de analfabetismo o sistema de votação acaba sendo manipulado por elitistas da classe superior Brasileira, que por



meio dá alienação de indivíduos não alfabetizados, persuadindo a dar seu voto de lambuja para os políticos desonestos e apreciadores da educação dualista.

Anísio Teixeira

“Sou contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, mantendo a grande maioria da população em estado de analfabetismo e ignorância.” – (TEIXEIRA 1997 P.322)

Para Anísio Teixeira (1997), a verdadeira emancipação educativa, é aquela em que o agente possui o controle de si mesmo, faz parte de um extenso processo humano. Consiste em uma ação pela busca do desenvolvimento integral do ser. Trata-se da procura pela libertação frente às imposições culturais, sociais, políticas, econômicas religiosas. É resultado do livre desenvolvimento do agente e que se lhe apresenta como possibilidade de réplica consciente frente às suas respostas ao meio. Anísio Teixeira, diz que a educação é um direito do ser humano e não pode ser negado, sendo esse um dos principais pilares da vida social, quando o indivíduo não tem essa base educacional, torna-se analfabeto, sofre reflexos no seu futuro. O homem educado é aquele que pode ir e vir com segurança, sendo assim que tipo de segurança uma pessoa analfabeta pode ter, a onde aquilo que lhe foi falado, ela não vai saber questionar ou opinar, muito cômodo para o governo manter uma massa de analfabetos, sem educação o ser social não tem criticidade fazendo que possa ser levado por qualquer propaganda política. Hoje nas escolas o ensino deve ser mutuo a onde o mestre aprende com o aprendiz. A educação dualista tem como objetivo favorecer o senhor e educar o empregado ao ponto de servir com um pouco mais de qualidade, hoje o analfabeto que souber escrever seu nome por extenso pode comprar um terreno, mas não sabe compreender o contrato que assinou, caso ele não saiba escrever é posto a sua digital nos documentos, não se sabe ao certo os motivos pelos quais muitos acabam caindo nessa posição critica, sendo por pessoais ou interpessoais, jamais será livre aquele que não pode discerni o que lhe foi proposto mediante a escrita e até mesmo a fala.



Considerações Finais

Se almejarmos modificar ou conservar nossa conjuntura atual e lançar-se distinto porvir, em cenário do que foi aqui proporcionado não podemos desconsiderar o engendramento do tema nem o advir dessa educação, inocentemente conjecturando que, em analogia a esse passado, possamos, ou executar total quebra, ou, de atitude saudosista, buscar seu total propiciatório, como se não trouxesse existido qualquer acrescentamento científico, de fato, nesse campo de noção. Quer aqui finalizar deixando que há um gigantesco mundo que todo analfabeto perde nas palavras do famoso escritor Neil Gaiman.

Elas me aguardavam nos livros e nas histórias, escondidas dentro de vinte e seis caracteres e um punhado de sinais de pontuação. Essas letras e palavras, quando colocadas na ordem certa, eram capazes de invocar toda espécie de bestas e pessoas exóticas das sombras, e de revelar as motivações e os pensamentos de insetos e gatos. Eram feitiços cujas palavras construía mundos que me aguardavam nas páginas dos livros.
– (Neil Gaiman 2015 P.5)

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação com Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1967. 157 p.

FREIRE, Paulo. **Método de Alfabetização de Adultos**. Brasília: Paulo Freire, 2005. 75 p. Disponível em: <<https://goo.gl/B3eAk9>>. Acesso em: 18 abr. 2017

MERRIAM-WEBSTER. **Definition of Literate**. 2014. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/literate>>. Acesso em: 14 abr. 2017;

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. 2005. 16 f. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate" - Curso de Pedagogia, Mec, Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, Brasília, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/mwt4qW>>. Acesso em: 17 abr. 2017;

UNESCO. **Education for All Global Monitoring Report: Understandings of Literacy**. Onu: Unesco, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/wVdN21>>. Acesso em: 14 abr. 2017;



Dos autores

Rafael é aluno de Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Mineiros – UniFimes (raah.faels@gmail.com);

Rodrigo é Analista de Sistemas efetivo na UniFimes formado em Ciência da Computação e Pós-graduado em Eng. de Sistemas e Mestrando em Direção Estratégica em Eng. Software pela Funiber

